

## Índice

<i>ainda tenho um pé na epopeia</i>	11
<i>desapareceste-me em todas as direções</i>	12
<i>contam-me que os guerreiros regressam pelo descanso e pelas carícias</i>	13
<i>de longe tornaste-te voyeur</i>	14
<i>a demora foi cruel como batom</i>	15
<i>o teu problema Ulisses não foi a viagem mas o regresso</i>	16
<i>o teu movimento é cada vez menos memória</i>	17
<i>sorriso com as partes íntimas</i>	18
<i>há muito que os meus objetos deixaram a adolescência</i>	19
<i>pouco a pouco o espaço foi-se desabitando</i>	20
<i>em cada canto da sala dez coisas para beber e dez para comer</i>	21
<i>tu eu afastámo-nos no espanto</i>	22
<i>sou assombrada por servas</i>	23
<i>sabes Ulisses</i>	24
<i>habituei-me a pensar a diferença entre macho e fêmea</i>	25
<i>vivo há demasiado tempo na cidade do sempre</i>	26
<i>ah! o amor o amor o amor o amor o amor</i>	27
<i>perguntas-me quão fiel foi Penélope</i>	28
<i>tornei-me substantivo</i>	29
<i>uma humidade feminina molha-me o dentro das pernas</i>	30
<i>descrição do palácio</i>	31
<i>este palácio regressou à infância</i>	32
<i>falemos do tear</i>	33

<i>a espera foi longa a dor instantânea</i>	34
<i>na tua viagem de cinema</i>	35
<i>eu digo e ouço-me dizer</i>	36
<i>não olho para trás</i>	37
<i>quero mudar de pele</i>	39
<i>alguns nomes para a tua mochila</i>	40
<i>sobre Telémaco</i>	41
<i>deixa-me falar-te do amor</i>	42
<i>deixa-me falar-te do que mudou</i>	43
<i>guerra</i>	44
<i>aprendo imenso com este pé na viagem</i>	45
<i>os homens ceavam contentes</i>	46
<i>quem eu já fui</i>	47
<i>nunca me amaste</i>	48
<i>deixo-te</i>	49
<i>o meu futuro contigo há imenso tempo</i>	50
<i>o tempo</i>	51
<i>é o dia da vida depois da morte</i>	52

ainda tenho um pé na epopeia  
por pouco tempo  
duas malas na mão  
ou seja estou de mãos livres  
até aqui tecia tecia e nada acontecia  
agora aqui em breve desapareço  
sem raiva nem ruído  
por ti não espero mais nem em literatura  
(deixo a porta aberta para entrares)  
já recebi todos os presentes  
fui todos os adjetivos  
viajaste-me por muito tempo  
acho-me demasiado cheia das coisas de dentro  
já conversei tudo com a mobília  
tecida e entretida tornei-me pouco a pouco uma história  
odisseia se vista de fora  
é bom que fábulas assim cheguem ao fim

desapareceste-me em todas as direções  
só te via no escuro  
e de olhos fechados  
o quarto tão negro  
eu tão imóvel  
que todas as manhãs acordava feita fotografia a preto-e-branco

contam-me que os guerreiros regressam pelo descanso e pelas  
carícias  
cansei-me de ser o teu descanso  
quanto às carícias  
a roupa vestida salva-me de mim mesma  
entre a minha carne e os teus perigos  
foste escolhendo sozinho  
fazendo do sangue a tua cor  
fizeste-me fada quiseste-te atlante  
deste-me um lírio e um canivete  
as más notícias para mim foram sempre flores

de longe tornaste-te *voyeur*  
em viagem a vista é a melhor amiga da imaginação  
chamo-te distante apequenas-te  
de pé num navio as mãos nas orelhas  
não me ofereces a atenção das sereias  
és enorme e erras  
o teu mapa é o meu calendário  
sozinha pareço-me demasiado comigo  
sonhei com o anonimato  
a literatura oral agarrou-se a mim  
com ambições de epopeia  
em pensamento fui despida por desconhecidos que não disseram  
olá  
coisas que não quis chegaram-me mascaradas a meio da noite  
já não creio em disfarces  
já não espero por cicatrizes

a demora foi cruel como batom  
a roupa de cama suja de vermelho  
a minha barriga sozinha a viver gravidezes  
várias  
sugestões de nomes estrangeiros  
desapareceste-me feito literatura  
recuso deitar-me com heterónimos  
nem pastores nem engenheiros  
o deus dos heróis vem cheirar-me a pele  
e não me chega  
o meu corpo partido em dois  
em cima pose de rainha  
em baixo uma ilha